



Artigo

[Cadernos] PPG-AU
FAUFBA

Bloco 1

Entre estigmas e resistências: os corpos
femininos na experiência urbana

Segregação Generificada e “Estigma de Puta”

O(s) Espaço(s) da
Prostituição nas Cidades

Diana Helene Ramos

Universidade Federal da Bahia

Segregação Generificada e “Estigma de Puta”: O(s) Espaço(s) da Prostituição nas Cidades

Resumo:

O texto é a transcrição da fala da autora na Mesa 01 “Corpos femininos e a rua” do Colóquio Cidades Sexuadas. Diana Helene Ramos analisa a segregação urbana da prostituição a partir da relação entre gênero, espaço público e processos de remoção, evidenciando como o estigma de puta opera como mecanismo histórico de controle dos corpos femininos. A autora discute a expulsão recorrente de prostitutas nos projetos de requalificação urbana e demonstra como raça, cisnormatividade e moralidade estruturam desigualdades e violências no uso da cidade.

Palavras-chave: Segregação urbana; Gênero; Prostituição; Requalificação urbana.

Segregación de Género y el “Estigma de Ser Prostituta”: Los Espacios de la Prostitución en las Ciudades

Resumen:

El texto es una transcripción de la intervención de la autora en el Panel 01 “Cuerpos Femeninos y la Calle” del Coloquio de Ciudades Sexuadas. Diana Helene Ramos analiza la segregación urbana de la prostitución desde la perspectiva de la relación entre género, espacio público y procesos de destitución, destacando cómo el estigma de “prostituta” opera como un mecanismo histórico de control de los cuerpos femeninos. La autora analiza la expulsión recurrente de prostitutas en proyectos de reurbanización y demuestra cómo la raza, la cisnormatividad y la moralidad estructuran las desigualdades y la violencia en el uso de la ciudad.

Palabras clave: Segregación urbana; Género; Prostitución; Recalificación urbana.

Gendered Segregation and the “Whore Stigma”: The Space(s) of Prostitution in Cities

Abstract:

The text is a transcript of the author's speech at Panel 01 “Female Bodies and the Street” of the Gendered Cities Colloquium. Diana Helene Ramos analyzes the urban segregation of prostitution from the perspective of the relationship between gender, public space, and removal processes, highlighting how the stigma of “whore” operates as a historical mechanism for controlling female bodies. The author discusses the recurring expulsion of prostitutes in urban redevelopment projects and demonstrates how race, cisnormativity, and morality structure inequalities and violence in the use of the city.

Keywords: Urban segregation; Gender; Prostitution; Urban redevelopment.

Eu queria começar agradecendo pelo convite para estar aqui. Afinal de contas, é superimportante estarmos organizando esses eventos na universidade. Como a mesa de abertura mencionou, é importante estarmos disputando espaço, principalmente no que diz respeito a temas que sempre foram totalmente invisibilizados na academia, sobretudo no campo da Arquitetura e do Urbanismo.

Nesse contexto, gostaria de dizer que achei superlegal a formação dessa mesa. Eu conheço o trabalho da Aleida Batistoti (2022), mas não conhecia os trabalhos das outras duas convidadas. Ainda assim, entrei no Instagram delas para conhecer um pouco e, assim, poder construir uma fala que, em alguma medida, reunisse os temas e identificasse os pontos em que se complementam. Penso, então, que pode ser uma maneira de abrir a discussão aqui se começarmos a pensar a respeito do corpo da mulher, sobretudo esse corpo feminino e sua relação com a rua, com o espaço público.

Também quero aproveitar a oportunidade para falar um pouco sobre meu trabalho e minhas pesquisas. Como a Bianca já mencionou, possuo um livro que versa sobre esse tema. Esse livro, por sua vez, foi baseado na minha tese de doutorado, na qual realizei uma investigação em conjunto com uma associação de prostitutas da cidade de Campinas-SP. Eu já trabalhava com elas há algum tempo, em um projeto de extensão universitária com grupos populares de trabalho. E aí, devido às coisas que fui aprendendo com as prostitutas, achei que era um tema muito interessante para discutir sobre cidade e gênero.

Mesmo sendo minha tese uma das primeiras a abordar a temática feminista no planejamento urbano e tendo recebido o prêmio de melhor tese em 2026, muita gente ainda não lê meu trabalho nem meu livro. Geralmente, só lê quem está preocupado em estudar prostituição, sabe? Pouca gente que estuda cidade e gênero vai ler se não estiver pensando em trabalhar/pesquisar a prostituição. Infelizmente, a maioria das pessoas não percebe que o meu trabalho é um trabalho crítico sobre a formação das cidades e não um trabalho apenas sobre prostituição.

Essa especificidade também aparece em outros temas que estamos tratando aqui e, por essa razão, quis começar a partir deste ponto, para tentar fazer o link com os demais trabalhos apresentados. O trabalho da Aleida, por exemplo, trata de trabalhadores de rua, mais especificamente de mulheres ambulantes em Salvador. O trabalho das outras convidadas também, e acredito que seja possível estabelecer uma conexão entre elas e a minha pesquisa. Vou tentar seguir por esse caminho. A ideia é fazer uma conexão para refletirmos. A partir da história das prostitutas de Campinas, podemos pensar sobre como o corpo da mulher, de forma geral, se relaciona com o espaço público.

Eu coloquei essas imagens aqui e vou trabalhar com elas, especialmente com esta aqui que acho superpotente. As imagens são da fotógrafa Teresa Margolles¹, que fez uma série de fotografias com prostitutas em um bairro da Cidade do México, no qual a atividade de prostituição foi removida e, não só removeram as pessoas que trabalhavam ali, mas removeram também sua arquitetura: as boates, os bares, tudo foi demolido. Teresa Margolles voltou ao local com as prostitutas e tirou fotos das mulheres nos espaços demolidos das boates onde trabalhavam. Vou usar essas imagens de fundo para pensarmos sobre essas relações entre corpo e território.

Que tipo de corpos podem estar na cidade? Que tipos de corpos são constantemente perseguidos? E quais são os seus lugares? É interessante refletirmos sobre a relação entre corpo e espaço como uma extensão. Nesse sentido, acho essa série de fotos muito potente para servir de plano de fundo da apresentação enquanto eu vou falando. Também gosto de colocar a foto da pessoa que estou citando. Então, esta aqui é a foto da fotógrafa responsável pela série que vou apresentar, ok?

Fica então estabelecido esse mote, a partir do qual discutiremos os temas da mesa com base no meu trabalho, que é de onde eu posso falar. Neste sentido, uma das questões mais recorrentes que percebi enquanto conversava com as prostitutas foi que muitas delas levantavam a ideia de serem as primeiras a serem expulsas nos processos de gentrificação relacionados ao espaço urbano.

É um processo de requalificação urbana? É uma revalorização imobiliária? Vai fazer uma revitalização? As prostitutas sempre são as primeiras pessoas a serem retiradas do lugar. Em seguida, também são expulsos outros grupos populares ou historicamente perseguidos. Essa ideia é cunhada pelas próprias prostitutas. Aqui, inclusive, eu tive a oportunidade de transcrever um pequeno texto que narra a história deste bairro mexicano, onde elas mencionam como foram removidas e demolidas as pistas de baile, que, em resumo, é esta mesma ideia, este processo recorrente de perseguição nos espaços da cidade:

Desde los años noventa, sucesivos gobiernos han intentado recuperar su centro histórico llevando a cabo una limpieza social y desplazando, entre otros, a las trabajadoras sexuales que se desenvuelven en la zona. Casas y negocios han sido cerrados y demolidos a lo largo de los años, entre ellos numerosos clubes nocturnos y discotecas, debido a la guerra entre cárteles de droga, a decisiones

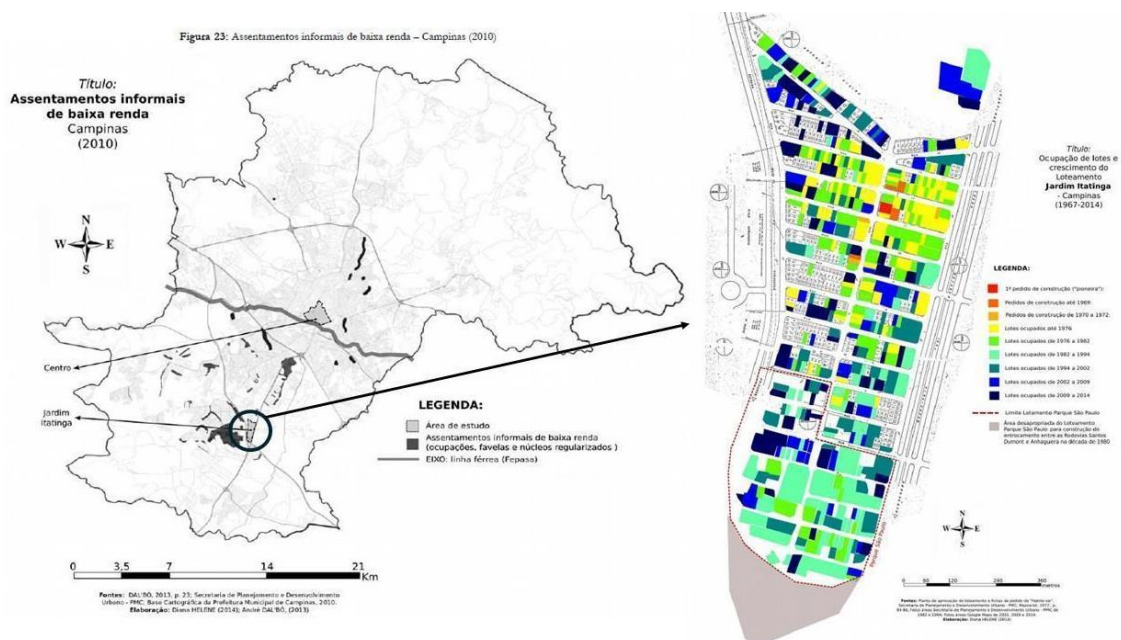
¹ Para conhecer mais sobre o trabalho da fotógrafa, verifique a seguinte fonte: Margolles, Teresa. Teresa Margolles: pistas de baile. *Artishock Revista*, 9 jun. 2017. Disponível em: <https://artishockrevista.com/2017/06/09/teresa-margolles-pistas-baile>.

gubernamentales y a la especulación inmobiliaria (ARTISHOCK, 2017).

Então, como eu estava dizendo, elas são as primeiras pessoas a serem expulsas nesse processo de gentrificação. E, a partir dessa pergunta, começamos a pensar no porquê disso. Essa é a minha tese, mas não vou me aprofundar muito nela agora. Para quem tiver interesse em saber mais, a tese está disponível gratuitamente na internet e tem também o meu livro, que trabalha mais a formação do bairro Jardim Itatinga (Campinas).

E como vocês podem ver, o bairro foi fruto de um processo agressivo de remoção das prostitutas da área central, que é esta bolinha marcada aqui, para uma outra área periférica e extrema da cidade. Vocês podem notar aqui que elas foram removidas justamente para o extremo da urbanização, ao final daquela mancha cinza (Figura 1), que representa a urbanização consolidada, onde foi feito o novo bairro, chamado Jardim Itatinga. Assim, me questionei sobre onde foi desenvolvido o novo bairro; além disso, estudei o crescimento desse novo bairro e como ele foi se desenvolvendo ao longo dos anos.

Figura 1. Assentamentos informais de baixa renda - Campinas. Fonte: Ramos (2015).



Existem outros trabalhos que mostram isso e eu os abordei também na minha pesquisa. Quis comparar e entender esse processo como um fenômeno constante do modo de urbanização capitalista. Por isso, decidi analisar outras cidades onde algo similar acontecia.

Uma dessas cidades que estudei foi o Rio de Janeiro. Observei, por exemplo, como a prostituição também foi se deslocando, sempre em meio a processos de remoção e resistência. Até mesmo porque as mulheres também resistem a continuar nos lugares onde já têm suas conexões de vida, de trabalho, de cotidiano. Então há uma mistura entre remoções constantes promovidas pelo poder público, violências praticadas pelo Estado e tentativas de resistência. Mas, apesar disso, as prostitutas foram mudando de local ao longo dos anos.

O local de prostituição foi sendo alterado por uma série de intervenções urbanas, inclusive. Então, por exemplo, essa mancha marrom (Figura 2) indica a região onde ficava o Mangue, no Rio de Janeiro, e foi criada essa avenida que vocês podem ver aqui em branco. A Avenida Presidente Vargas, que cortou a área do Mangue ao meio, foi um projeto de urbanização que foi instrumental para a expulsão de uma série de organizações populares, não apenas as relacionadas à prostituição, já que se tratava, notoriamente, de uma área boêmia e de cultura popular.

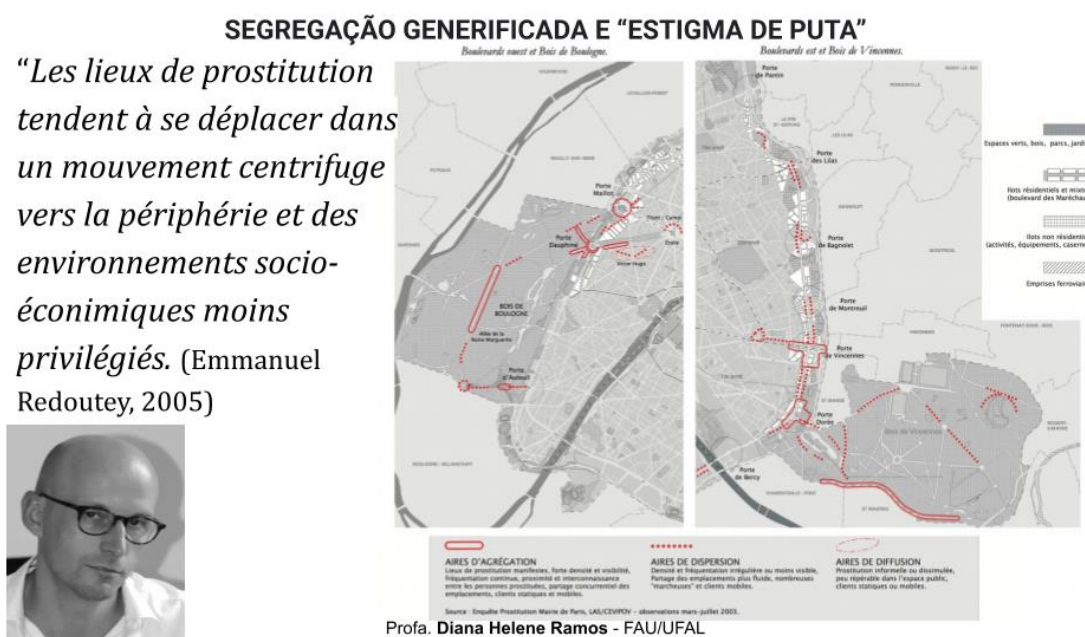
Figura 2. Prostituição no centro, no mangue e na Vila Mimosa. Fonte: Ramos (2015).



É muito importante observar as características da urbanização da cidade do Rio de Janeiro a partir desse tipo de intervenção. O que se percebe é que não apenas as prostitutas, mas também manifestações populares e grupos historicamente perseguidos

foram, ao longo do tempo, sendo cada vez mais empurrados para zonas periféricas da cidade. E, quando falamos de áreas periféricas, temos muitos outros trabalhos que analisam esses mesmos efeitos. Por exemplo, em Paris (Figura 3), também existem estudos que identificam como a prostituição é constantemente expulsa das áreas centrais e direcionada para regiões mais periféricas. Um verdadeiro movimento centrífugo das áreas centrais em direção à periferia e aos lugares menos privilegiados economicamente. Esse fenômeno também é identificado na cidade de São Paulo e em várias outras cidades.

Figura 3. Segregação generificada em Paris. Fonte: Ramos (2015).



Eu trouxe apenas alguns exemplos para que pudéssemos visualizar como essa questão tem um caráter estrutural. Não se trata apenas de um caso isolado, de um dado ou de uma situação específica da cidade de Campinas. É algo que tem a ver diretamente com a maneira como o corpo da prostituta é encarado na cidade. Em São Paulo, por exemplo, organizamos um evento juntamente com a Rede Brasileira de Prostitutas, no qual a gente ocupou o IAB com o desfile da DASPU para denunciar um processo de remoção que estava ocorrendo no entorno do IAB de São Paulo, conforme ilustra a Figura 4. Ali, que era um lugar histórico de prostituição de rua há mais de 30 anos, mas que estava sofrendo perseguição devido a um processo de gentrificação, iniciada por um outro processo de revalorização imobiliária do bairro.

Outra maneira de expulsar, além das demolições e remoções que mostrei lá no México, é a dos denominados “emparedamentos”, como observamos na Figura 5 a seguir. Ou seja, quando os proprietários de prédios do centro e as imobiliárias iniciam ações para

expulsar movimentos de moradia que ocupam prédios abandonados e ociosos. O que acaba ocorrendo é uma outra forma violenta de remover uma determinada atividade de uma dada localidade. Ou seja, não basta proibir o uso ou a atividade, é preciso ir lá e construir, literalmente, uma parede em cima. Essa é uma prática muito comum da prefeitura de São Paulo, por exemplo.

Figura 4. Ocupação PUTA antigentrificação no IAB São Paulo. Fonte: Ramos (2015).

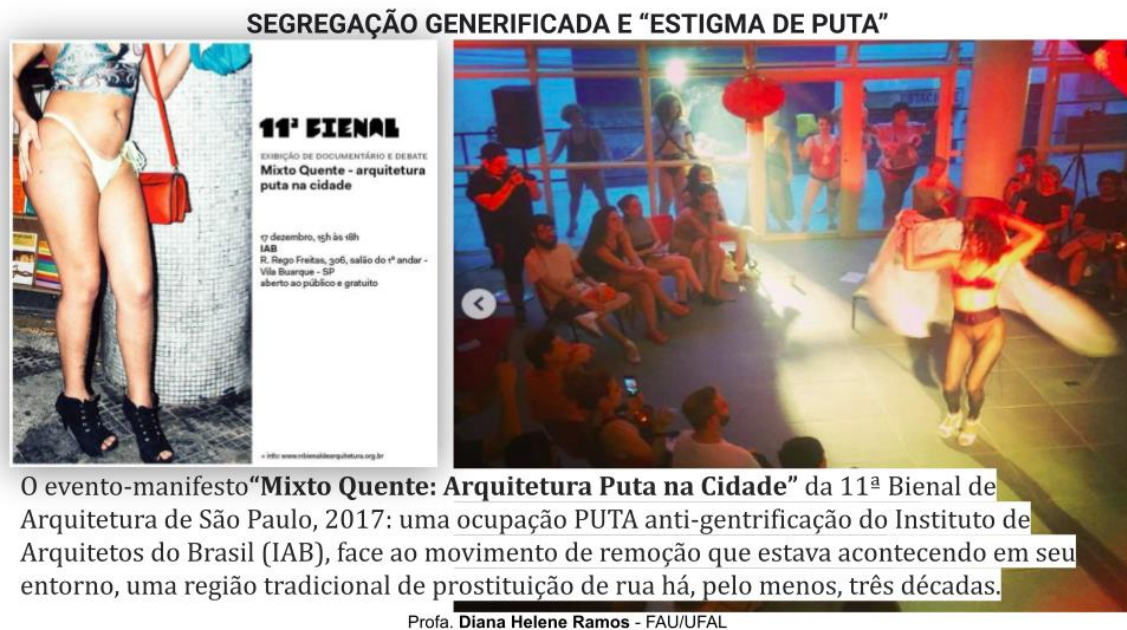


Figura 5. Emparedamento realizado pela Prefeitura de São Paulo. Fonte: Ramos (2015).



Esse tema também é abordado por outro pesquisador, Phil Hubbard (2000), que explica o movimento constante de remoção da prostituição em nome da revalorização imobiliária e do pretense discurso de desenvolvimento urbano. Aqui, apresento outra imagem das pistas de baile que foram demolidas no México e que discuto diretamente em um dos capítulos da minha tese. Falo exatamente sobre isso, mais especificamente sobre como a ideia de expulsar as prostitutas de determinadas áreas da cidade faz parte do processo de urbanização, abrindo caminho à revalorização imobiliária.

E aí, para estabelecer uma conexão com os demais integrantes desta mesa, pensei em discutir o seguinte: o que é ser puta? Qual a relação dessa classificação com a circulação das mulheres no espaço público, no espaço urbano? No meu trabalho de doutorado, utilizei o conceito do ESTIGMA DA PUTA de Gail Pheterson (1996), uma militante vinculada ao movimento de prostitutas nos Estados Unidos. Gail Pheterson (1996), afirma que o estigma de puta é um estigma tipicamente atrelado ao gênero feminino. Por essa razão, a imagem da puta afeta todas as mulheres. O estigma de puta, configura-se também como uma forma de controle sobre os corpos das mulheres.

Margo St. James é uma trabalhadora do sexo, feminista e ativista norte-americana, fundadora da primeira associação de prostitutas do mundo. Margo St. James também aborda a questão de como se constitui o estigma de puta. Para ela, a palavra “puta” é uma forma de controlar todas as mulheres. Uma forma de punição, “a punição da prostituta”. Um grande mecanismo de controle, que opera para colocar todas as mulheres em seu lugar. Uma ideia geral de desvalorização do conceito de mulher:

A palavra “puta” ainda é usada para manter as outras mulheres na linha, todas as mulheres, mas a punição de uma prostituta é o exemplo definido pelo sistema que se você não – você sabe – agir direito, curvar-se aos homens (eu suponho), você terá o que merece, e...um monte de prostitutas são assassinadas neste país (...)a prostituta se torna uma vítima legítima para o estupro, o assassinato, o roubo, e qualquer tipo de abuso, abuso verbal e abuso físico... (Tradução livre de Diana Helene).

Estruturando a seguinte dicotomia: a esposa e a puta. Como se essas duas categorias fossem incompatíveis e opostas em nossa sociedade. De um lado, a construção da ideia da mulher valorizada, a mulher ideal, “a esposa”. De outro, a construção da mulher desvalorizada, “a puta”. Como esse estigma é criado? Para entender melhor a criação dessa dicotomia, utilizo Silvia Federici (2004), historiadora e feminista italiana. Federici (2004) busca compreender como se relacionam a criação do capitalismo, a divisão sexual do trabalho e a submissão das mulheres. Como isso ocorre? Era assim desde

sempre? Ou foi de outra forma? Federici (2004) busca as origens do capitalismo na transição do feudalismo para o capitalismo, as razões para essa mudança, sobretudo a partir de um evento que ocorreu simultaneamente nesse momento, que foi a caça às bruxas.

Assim, essa imagem da “bruxa” foi sendo construída como forma de controle sobre as mulheres. É importante mencionar também que a associação recorrente entre a imagem da puta e da bruxa. Vou mostrar aqui um pouco de como Silvia Federici trata dessas associações e de como a figura da bruxa opera como um mecanismo do poder patriarcal para controlar as mulheres.

Como já dito, Federici (2004) afirma que tudo isso ocorreu durante a transição do feudalismo para o capitalismo. Foi nesse período que se tornou popular a ideia de caça às bruxas, sobretudo ligada à imagem da execução pública de mulheres queimadas em fogueiras. É importante que tenhamos em mente que essa imagem da fogueira é muito forte. Mas por quê? Como Federici (2004) analisa, utilizando inclusive relatos de juristas e inquisidores da época, o intuito de vincular a caça às bruxas à fogueira era parte da disseminação do terror. A ideia principal era castigar algumas para espalhar o medo entre todas e, conseqüentemente, poder controlá-las.

Devemos refletir, sobretudo, sobre como a imagem da fogueira está sempre conectada ao espaço público. Afinal de contas, trata-se de uma punição pública: as mulheres eram queimadas em grandes fogueiras nas praças públicas, em frente a igrejas ou a outros equipamentos públicos significativos, com o intuito primordial de expô-las perante outras mulheres e de serem marcadas como um exemplo do que “as outras” não deveriam fazer para não chegarem a esta mesma situação.

Além das fogueiras em espaços públicos, existiam várias outras tecnologias criadas nessa época para punir especificamente as mulheres consideradas bruxas. Foram criadas, por exemplo, máscaras de ferro para tapar o rosto e a boca, silenciando as mulheres acusadas, que foram, inclusive, levadas posteriormente para as colônias, para restringir e estigmatizar as pessoas escravizadas. Esses dispositivos foram criados para controlar os corpos (a boca), para impedi-las de falar e de se manifestar. Eram dispositivos utilizados para punir mulheres que falassem demais, ou seja, para silenciar as mulheres e torturá-las.

Eu não vou me ater mais tanto a estes métodos de tortura, mas o que quero ilustrar aqui é que, além destes métodos violentos e públicos de demonstração da punição, havia também a construção dessa imagem da bruxa, ou seja, uma imagem demonizada da

mulher. E, sobre isso, nossos pintores, dramaturgos, homens da época foram instrumentais para criar esta imagem no imaginário popular da sociedade. Aqui eu ilustro, por exemplo, com algumas pinturas de Goya (Figura 6), que é um pintor muito importante da história da arte, famoso, e há uma série de outros artistas da época que foram instrumentais para a criação deste campo de representações imagéticas que reforçam uma ideia deteriorada da mulher.

Figura 6. Pinturas de Goya que retratam mulheres como bruxas. Fonte: Montagem fotográfica realizada por Diana Helene Ramos (2015). As pinturas de Francisco Goya podem ser encontradas em domínio público no acervo do Museo Lázaro Galdiano.



Então, ao mesmo tempo em que existiam várias representações (pinturas, literatura, dramaturgia) que se ocupavam de criar signos que enfatizavam uma ideia negativa do feminino, também iam sendo construídas as imagens da mulher ideal: submissa, controlada, reprodutora e casta. É sobre isso que Silvia Federici (2004) reflete: foi nas câmaras de tortura e nas fogueiras em praça pública que se forjaram os ideais capitalistas e burgueses de FEMINILIDADE. Ou seja, foi a partir da necessidade de demarcar o que seria essa mulher, do que seria a feminilidade, e da urgência em associá-la a uma ideia de domesticidade, de um corpo submisso, domesticado, restrito à esfera do lar e silenciado no espaço público. Ainda que, mais adiante, vejamos que, na prática, isso não se concretize de forma absoluta, é a partir daí que se estabelece a casa como o lugar ideal para a mulher.

Assim, o espaço doméstico passa a ser entendido como o lugar das tarefas femininas e como aquele em que elas devem permanecer. É nesse espaço que as mulheres reali-

zam as tarefas de cuidado e manutenção da vida, atividades que também foram privatizadas e confinadas, reforçando a lógica de que devem permanecer enclausuradas nesse lugar. Para Federici (2004), essa separação entre produção e reprodução, entre o público e o privado, não é apenas uma consequência histórica, mas também uma condição fundamental para a consolidação do capitalismo, que depende do trabalho não remunerado das mulheres para sustentar a vida e reproduzir a força de trabalho.

Ao mesmo tempo em que havia a demonização de um modo de ser feminino, também se criava essa ideia da mulher, de uma esposa ideal. Essa esposa ideal é construída para ser passiva, de poucas palavras, ocupada em suas tarefas, assexuada e obediente. É importante mencionar que isso se trata, na verdade, de um modelo novo de feminilidade que não existia antes e que surgiu exatamente na transição do feudalismo para o capitalismo, se fortaleceu junto com a consolidação do capitalismo e é perpetuado até hoje.

Esse novo modelo do que é ser uma mulher ideal estrutura tanto a divisão sexual do trabalho quanto os lugares de cada gênero na sociedade. Como eu falei antes, as mulheres, então, foram colocadas nesse lugar estruturado como distinto da rua e do espaço público. Porque também foi criada, nesse período, uma ideia de público e privado, de político e coletivo, de individual e privativo.

A casa passa a se estruturar, a partir daí, como esse lugar privado voltado às tarefas reprodutivas de cuidado, local onde as mulheres irão executá-las, enclausuradas e submissas. É a partir daí que essas tarefas passam a ser realizadas de outra forma: se antes eram coletivizadas, dividindo-se o encargo com outras mulheres nos espaços comuns, a partir de então as mulheres são isoladas e restritas ao espaço doméstico. Essa mudança nos papéis de gênero e no lugar de trabalho das mulheres fará com que elas tenham mais dificuldade em estar no espaço público do que os homens. É um valor, inclusive, que passa a ser cultivado durante esse período medieval e anterior ao das colonizações, mas que passa a estruturar outras experiências posteriormente, estabelecendo o lugar da mulher nos territórios invadidos e colonizados.

Outra coisa importante é pensar que essa feminilidade ideal, além de demonizar aquelas mulheres que não se encaixassem nesse ideal, se estabelecem também os papéis que têm que exercer e os lugares que ela pode estar. É importante sublinhar que esse ideal de mulher também foi racializado, estruturando a ideia de mulher ideal e a feminilidade vinculadas à branquitude. É nesse momento também, com a colonização da África e da América, que se cria uma ideia de raça, durante a transição do feudalismo

para o capitalismo, que vai ser responsável por estruturar também aqueles corpos que são racializados (os corpos não brancos).

A Gail Pheterson (1986) menciona que esse estigma de puta vai aderir muito mais facilmente em uma mulher racializada do que em uma mulher branca. Porque no ideal da feminilidade, esta mulher racializada vai representar outro ideal. Ela não está no ideal de mulher valorizada; é colocada como mulher desvalorizada apenas por sua raça.

Além disso, existe uma série de formas de estruturar essa idealização e essa demonização do corpo negro neste período. Por exemplo, na forma como eram descritos os habitantes dos países colonizados, aqui na América, como podemos ver nessa imagem, inclusive pintados como demônios, associados a demônios. A Federici (2004) vai mostrar, inclusive, como as tecnologias que foram usadas na demonização feminina, na caça às bruxas, foram levadas às colônias para demonizar aqueles que foram racializados.

Isso também aparece no desenvolvimento da ciência ocidental como um todo. Uma ciência que será responsável por construir uma ideia em torno desses corpos, responsável por associar esses corpos racializados a corpos distantes de uma ideia do que é racional, do que é correto, até mesmo animalizando esses corpos. Um exemplo disto, são os estudos do Georges Cuvier, médico de Napoleão, cientista e zoologista francês que conduziu experimentos torturantes em corpos de mulheres negras, como Sarah Baartman ilustrada na figura 07 abaixo.

Figura 7. Pintura Sartjee, *The Hottentot Venus* (à esquerda) e representação de indígenas como demônios (à direita). Fonte: Montagem artística de Diana Helene Ramos (2015). A pintura à esquerda, em domínio público, pode ser encontrada no acervo do British Museum, e a pintura à direita pode ser encontrada na obra de domínio público *A Compendium of Authentic and Entertaining Voyages* (Smollett, 1766).

SEGREGAÇÃO GENERIFICADA E “ESTIGMA DE PUTA”

“Em 1815, **Georges Cuvier**, principal anatomista comparativo da França, realizou sua agora infame dissecação de uma mulher sul-africana conhecida como Sarah Bartmann. O próprio nome que Cuvier deu a essa mulher - *Vénus Hottentotte* - enfatizava sua sexualidade. (Londa SCHIENBINGER, 2001)”



“Mi color para ellos significa PUTA”

(PHETERSON, 1986, p. 88)

Imagem do século xvi em que os indígenas do Caribe são representados como demônios, em *A Compendium Of Authentic And Entertaining Voyages, Digested In A Chronological Series...* (1766) [Um compêndio de viagens autênticas e divertidas, digerido em uma série cronológica...], compilado por Tobias George Smollett.

Profa. Diana Helene Ramos - FAU/UFAL

É a partir também desta “ciência” que se constrói uma ideia de um “não humano” em torno dos corpos que passam a ser racializados. Assim, não podemos deixar de mencionar que o estigma de puta vai aderir muito mais forte em algumas mulheres do que em outras. Até porque ele faz parte de um sistema maior de racialização e de construção do que é considerado ideal de mulher; para esse sistema, aquelas outras (negras, originárias das colônias, que não se encaixam no ideal branco e submisso) deixam de ser consideradas mulheres.

Inclusive, uma das falas mais famosas do feminismo negro foi realizada durante a Women's Rights Convention, uma convenção feita pelas feministas brancas em 1851. Nesta convenção, a feminista negra, ex-escravizada, abolicionista e ativista Sojourner Truth² mencionou que ela não se enxergava nas características colocadas ali pelo movimento feminista, até então majoritariamente branco. Em seu discurso, Sojourner Truth afirma que, em sua vida inteira, ninguém a ajudou a lidar com dificuldades, sempre teve que trabalhar e carregar coisas pesadas, sempre precisou caminhar longas distâncias, atravessar lugares com dificuldade e que, mesmo diante disto, ela era uma mulher. Em seu pronunciamento, quase silenciado na Convenção, ela colocou todas as características que eram ditas femininas, mas que, também como mulher, não conseguia se sentir representada por essas ditas características femininas. É a partir daí, então, que esse ideal de feminilidade, do que é considerado a mulher ideal, passa a ser também tensionado.

Avançando um pouco mais na discussão, é importante entender também como a questão da mulher ideal e dos corpos femininos racializados ocorre no Brasil. De como tudo isso chega ao Brasil. Acredito que quem falará bastante sobre isso será a Batistoti (2022) já que o trabalho é exatamente sobre isso: desse papel das mulheres negras e de seu trabalho nas ruas das cidades brasileiras. É uma pesquisa muito necessária para entender como isso chega ao Brasil.

Trago aqui também, para provocar reflexões nesta apresentação, este provérbio popular da época, que é citado por Gilberto Freyre em *Casa-grande & Senzala* (2000): “a negra no fogão, a mulata na cama e a branca no altar”, que ilustra como a relação entre gênero e raça passou a ser construída no Brasil e como se estruturaram os papéis e lugares das mulheres na sociedade brasileira. Então, a mulher branca é aquela que atende ao ideal da esposa, aquela que você escolhe para se casar. E as outras mulheres, a partir da proximidade com a cor branca ou com a cor negra, vão estar em outros

² O discurso pode ser encontrado aqui: SOJOURNER, Truth. “Ain’t I a Woman? (E eu não sou uma mulher?)” - O discurso. In: CARDOSO e SILVEIRA (ed). *E eu não sou uma mulher? A narrativa de Sojourner Truth*. São Paulo: Ímã Editorial, 2020.

papéis e lugares que não são esse lugar da esposa ideal. Vão ocupar posições de trabalhadoras ou ser objetos sexuais.

É interessante a gente ver, por exemplo, nessa imagem. Eu gosto desta pintura, ilustrada na figura 08, de Debret, que retrata isso. A mulher branca, praticamente escondida dentro da casa, tem até esta estrutura arquitetônica muxarabi, que não deixa a gente ver o que há dentro, mas permite que ela observe a rua de dentro do seu confinamento. De outro lado, também é possível observar que a rua das cidades coloniais era tomada pela população negra e, sobretudo, por mulheres.

Figura 8. Pintura *Banha de Cabellos Bem Cheirosa*, de Jean-Baptiste Debret (1827). Fonte: University of Miami, disponível em: <https://emuseum.as.miami.edu/objects/19694/banha-de-cabellos-bem-cheirosa-plate-17>.



Homens e mulheres ocupando a rua, já que não existia essa questão das mulheres negras não estarem na rua, o que era o contrário do que a gente pensava sobre as mulheres brancas. As mulheres brancas ficavam sobretudo dentro da casa e não trabalhavam. Já as mulheres negras sempre trabalharam, seja nas casas dos senhores, em espaços precários de confinamento ou no espaço público, vendendo serviços, mercadorias e, muitas vezes, seus corpos. É importante entender (neste sentido, acredito que a Aleida pode falar melhor depois para a gente compreender) que as mulheres brancas e negras vão ter uma relação completamente diferente com a rua.

As mulheres negras sofrem mais consequências por serem consideradas uma categoria inferior de mulher e por estarem no espaço público. Além disso, elas precisam estar no espaço público de forma muito mais recorrente, fazendo a sua vida, seu trabalho; então, há um ciclo muito mais perverso entre exclusões, expulsões e a necessidade constante de estar ali, retirando seu sustento e sua sobrevivência. Dessa forma, o espaço

público para as mulheres negras é diferente daquele espaço público destinado às mulheres brancas, principalmente nessa época. Porém, isto não quer dizer que todas não vão enfrentar o estigma de puta por estarem na rua. Mesmo que as mulheres resistam, permanecendo na rua, ainda assim, o espaço público não é um espaço seguro; continua sendo hostil. Apesar disto, estas mulheres vão estabelecer redes para conseguir se manter ali, uma ajudando a outra. Importante dizer, que ainda assim, o espaço público ainda é um espaço muito hostil para mulheres, tanto para as brancas quanto para as negras, já que é neste espaço que se constituiu o ideal do espaço público como majoritariamente espaço masculino.

A gente tem que pensar esse estigma além da questão racial, pensar na questão que a Gabriela de Moura (2021) menciona. No trabalho dela, ela também relaciona essa questão do estigma de puta ao corpo cis e ao corpo trans. Moura (2021) vai refletir: de que forma o estigma de puta vai ser associado ao corpo trans e a Amara Moira, escritora trans, também menciona isso, neste trecho aqui:

Eu sou tratada igual puta, bem antes de me assumir, puta. É quase como se fosse uma tatuagem na testa. Por ser uma mulher trans, a pessoa já me olha como puta. O estigma de puta cola na hora no corpo trans. É automático. Bastou ver uma travesti e já começa o assédio, assédio de que nunca nem tive notícia enquanto eu posava como homem (MOIRA, 2016).

Acaba que este estigma vai constituir uma função normativa e vai controlar o corpo de todas as mulheres, sobretudo no espaço público. Porque é isso, o corpo trans, por exemplo, que é esse último, para ele circular no espaço público, ele vai ter que criar uma série de mecanismos para não sofrer as violências associadas ao estigma de puta. Então, a Gail Pheterson (1986), ela fala que “o estigma de puta é um mecanismo geral de controle social relacionado ao gênero feminino”.

Então temos essa dicotomia que se cria, como tantas outras dicotomias. Quem também irá falar sobre isso é a Patricia Hill Collins (1990). Vai dizer que a epistemologia hegemônica, o modo de construção do pensamento hegemônico, é uma estrutura simples de dicotomias e hierarquias. Uma dicotomia sempre hierárquica que estabelece conhecimentos e saberes superiores em relação a outros. Então essa é dicotomia sobre a puta, o estigma da puta é mais uma, daquilo que Collins (1990) menciona como construído por oposição.

Ou seja, falamos da puta, e de como essa imagem da puta que é associada à bruxa e de como, em sequência, se dá a relação dessa imagem com corpo não brancos, com corpo que não são cisgêneros também. Como que esses corpos que vão estar dentro

de casa, fazendo suas tarefas de forma passiva, quietinha, obediente, e como vai ser esse processo com outros corpos que não se encaixam nesse ideal de mulher branca e cisgênera. O estigma de puta vai ser usado. Será a primeira coisa que uma mulher ouvirá. Antes de ser violentada, inclusive dentro de casa, pelo próprio marido. Que ela é uma puta. Então, esse estigma vai ser usado como uma forma de controle sobre as mulheres.

Eu gosto muito dessa intervenção artística (Figura 9) que é da *Asociación Mujeres Meretrices de la Argentina en Acción por Nuestros Derechos* (AMMAR), uma associação de prostitutas da Argentina, que elas fazem o seguinte: em uma esquina de um edifício, elas colocam de um lado uma mulher, com características corporais que vão associar a imagem da puta. Ou seja, com uma roupa curta, uma determinada pose, uma bolsinha etc. E no outro lado da esquina, tem duas crianças indo para a escola. Se você vê um lado, você só vê a prostituta aqui ou essa mulher associada a essa ideia de prostituta. E, do outro lado, você só vê as crianças. Ou seja, só consegue ver as duas quando você está exatamente na esquina e elas escrevem aqui do lado que “86% das trabalhadoras sexuais são mães”. Neste sentido, elas estão brincando justamente com essa dicotomia.

Figura 9. Intervenção artística de conscientização sobre as trabalhadoras do sexo. Fonte: Asociación Mujeres Meretrices de la Argentina en Acción por Nuestros Derechos (2013).



Acaba representando também uma dicotomia na própria vida dessas mulheres, que possuem uma vida cindida, como entre duas esquinas. Elas trocam de nome; têm dificuldade em se assumir como prostitutas em seus bairros, muitas vezes nem para suas próprias famílias. Essa dicotomia age de um jeito tão violento que elas têm que dividir a vida delas entre esses dois mundos, criados a partir dela. E as próprias mulheres mencionam muito sobre isso: os chamados dois mundos da mulher prostituta.

E é muito legal porque os movimentos organizados de prostitutas vão trabalhar exatamente para mostrar que essa dicotomia não passa de uma criação; que a realidade é essa: 86% das prostitutas são mães. Não há categorias inferiores de mulheres, tampouco existe mulher ideal. Esses coletivos e organizações de prostitutas trabalham muito para quebrar e desconstruir essa dicotomia e que, na verdade, também é benéfico para que todas as demais mulheres também possam se salvar desse estigma de puta.

Eu trouxe outros exemplos. Esse é um cartaz do encontro das prostitutas (Figura 10). É de 2008, se eu não me engano. Eu acho maravilhoso o que elas fizeram: essa Santa Ceia só com as militantes de cada cidade e com representantes de todo o Brasil. Então, o movimento de prostitutas geralmente tenta borrar, conectar essas polaridades, quebrar essas fronteiras, exatamente para tentar desmistificar esse estigma.

Figura 10. Cartaz do 4º Encontro da Rede de Prostitutas. Fonte: Ramos (2022).



Aqui eu trouxe mais exemplos. Por exemplo, o livro da biografia da Gabriela Leite (2009), ilustrado na Figura 11, uma figura muito famosa. Acredito que ela seja a prostituta mais famosa do Brasil, e isso não é à toa. Ela possui um livro intitulado "Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta", uma obra que mostra exatamente

como essas categorias que são colocadas como separadas, na verdade, não são separadas. As mulheres desempenham vários papéis e não é por isso que elas vão ser taxadas e violentadas por pelo estigma de puta.

Figura 11. Livro *Filha, Mãe, Avó e Puta* de Gabriela Leite. Fonte: Amazon (2025).



Figura 12. Foto de Lourdes Barreto. Fonte: Facebook de Lourdes Barreto (2018).



Outro exemplo que gosto de mencionar é a Lourdes Barreto, outra fundadora do movimento, junto com a Gabriela Leite. Ela é um pouco menos conhecida que a Gabriela Leite: mora em Belém (mas, na verdade, nasceu no Maranhão), já a Gabriela é do Rio de Janeiro. Um fato interessante é que a Lourdes, recentemente (acredito que faz uns 5 anos) ela se tatuou, na época com 78 anos de idade, e utilizou essa frase “eu sou puta” em seu braço (Figura 12). Como uma forma de se apropriar dessa palavra para desmistificar o estigma que existe nela. Uma coisa que as pessoas fazem muito: pegar uma palavra, inicialmente com conotação negativa, se apropriar, usar essa palavra como uma palavra de orgulho. Algo que também ocorre em outros tipos de movimentos, como o próprio movimento queer, onde no começo a palavra queer era utilizada como uma forma de xingamento e, posteriormente, foi resignificada e valorizada dentro da própria comunidade.

Uma última coisa que gostaria de mencionar é uma atuação muito conhecida, que às vezes pode parecer distante dessa realidade, mas acredito que também se relaciona fortemente com as discussões sobre corpos generificados e espaços públicos. Me refiro aqui ao movimento de prostitutas e ao da DASPU (que elas também chamam de passarela passeata). Passarela, que nada mais é do que ocupar o espaço público com reivindicações do movimento de prostitutas. Nesta imagem, vemos uma praça lá em Campinas que está localizada em frente à catedral da cidade.

Figura 13. Mulher performando no desfile da DASPU. Fonte: Ramos (2025).



Esse lugar é onde as prostitutas tentam fazer seus pontos de prostituição, mas são constantemente perseguidas por vários processos que registro no meu livro. Menciono também que elas decidiram fazer a passarela da DASPU nesse lugar público e que ninguém

tinha sequer um tostão para fazer ali, tendo que arrumar iluminação, som, etc. Mesmo assim, fizemos de tudo para conseguir fazer, porque era um lugar importante e um ato importante. Um ato de disputa desse espaço e a melhor maneira de disputar esse espaço é exatamente ocupar esse lugar com uma corporeidade que é constantemente expulsa, mas que ainda assim resiste. É uma corporeidade que sempre está sendo perseguida e impedida de ocupar esse espaço.

Inclusive, é válido mencionar, nessa relação entre passarela-passeata-ocupação, que as prostitutas que trabalham no centro de Campinas são constantemente obrigadas a usar roupas que mostram muito pouco de que são prostitutas. Isso ocorre para que haja um controle social sobre seus corpos e para não afetar a moral ali na área. Contudo, neste momento da passeata, elas foram como quiseram. Aqui, por exemplo, na figura 13, esta mulher está de fio dental e com um sapato de salto alto maravilhoso, que é a capa do meu livro. E ela está ali, dançando. Com toda essa corporeidade, uma corporeidade colocada como não aceita nesse lugar exatamente para disputar os significados de uso do espaço público. Acho que é isso, gente, obrigada.

Referências

- BATISTOTI, Aleida Fontoura. **A “guia” como modo de vida: trabalho de rua e cidade por mulheres negras no centro de Salvador**. 2022. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) — Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.
- COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. Boston: Unwin Hyman, 1990.
- FEDERICI, Silvia. **Caliban and the Witch: women, the body and primitive accumulation**. New York: Autonomedia, 2004.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala: Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- HUBBARD, Phil. **Sex and the City: geographies of prostitution in the urban West**. Nova York: Routledge Revivals, 2000.
- LEITE, Gabriela. **Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta**. São Paulo: Objetiva, 2009.
- MOIRA, Amara. **E se eu fosse puta?** São Paulo: Hoo Editora, 2016.
- MOURA, Gabriela Pinto de. Prostituição e espaço urbano: a perspectiva “putafeminista” nos escritos de três prostitutas ativistas brasileiras. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 23, p. e202127, 2021.
- PHETERSON, Gail. **The whore stigma: female dishonor and male unworthiness**. Haia: Ministerie van Sociale Zaken en Werkgelegenheid, 1986.
- RAMOS, Diana Helene. **“Preta, pobre e puta”: a segregação urbana da prostituição em Campinas – Jardim Itatinga**. 2015. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) — Instituto de Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- TERESA MARGOLLES: PISTAS DE BAILE. **Artishock Revista**, 9 jun. 2017. Disponível em: <https://artishockrevista.com/2017/06/09/teresa-margolles-pistas-baile/>. Acesso em: 08 dez. 2025.
- TRUTH, Sojourner. “Ain’t I a Woman? (E eu não sou uma mulher?)” — O discurso. In: **E eu não sou uma mulher? A narrativa de Sojourner Truth**. São Paulo: Ímã Editorial, 2020.

Recebido em: 09/01/2025

Aceito em: 30/05/2025

DOI: 10.9771/ppgaufaufba.v15i0.74457

Como citar: RAMOS, Diana Helene. Segregação generificada e “estigma de puta”: o(s) espaço(s) da prostituição nas cidades. **Cadernos PPG-AU/FAUFBA**, v. 15, n. 1, p. 15-37, 2026.



FAUFBA



**PPG-AU
FAUFBA**

NAPPE

NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA
E PRODUÇÃO EDITORIAL